

# POEMAS

de

**Moisés Neto**

## Comentário sobre o livro *PASSSAGEM*

Pela professora Bárbara Andalúzia

A competência do multicultural Moisés Neto é imensurável. *Passagem* representa mais uma obra vinda para enaltecer sua sensibilidade poética que tudo percebe. Moisés não atinge em seus poemas apenas o seu mundo. Alcança também universos distantes através de suas divagações. Universos nem sempre compreendidos ou respeitados ou até mesmo inatingíveis apesar de tão próximos dos nossos olhos, mas tão longe de nossa percepção simplesmente humana.

É fácil perceber a leveza na qual o autor produz sua obra, reproduz sua vida e seduz o leitor, com a dureza de suas palavras diretas, sem rodeios atingindo o lirismo incontido e expresso profundamente em sua arte. Ele não procura a expressão melhor para cada verso para representar seu lirismo, pois já possui, em sua alma, uma excelente demonstração artístico-poética.

A produção deste artista é coberta e recheada por suas raízes, por sua terra e de suas terras, seja no Recife, no Janga, no Rio de Janeiro, no Cairo, em Lisboa, em Barcelona, em Havana ou em qualquer lugar do mundo que ele vive percorrendo: Moisés não está só. Ele está sempre dentro dos mundos e fora deles, com uma visão de águia sobre sua presa, sentindo os cheiros dos arredores.

Um cérebro não pára, um cérebro nunca está só, está acompanhado de idéias e pensamentos que só ele sabe até o momento que fala. Moisés não pára, Moisés não está só... não é egoísta, compartilha com os leitores seu mundo, despertando fome de poesia e alimentando-nos. Qualquer coisa sem importância logo muda de figura se for poetizado por ele: “Lobos”, ”Medula”, “Tarântula”, Licor”, “Bar”, “Filme”, “Folhetim”, até pergunta: “Qual o sentido de ser feliz?”, mas não é para responder, é para catucar.

Neto observa cada traço do seu objeto poetizado, representa cada momento com suma grandeza, cada sentimento – próprio ou alheio – é retrato, cada movimento faz parte de suas considerações.

A categoria depositada por Moisés Neto em sua arte (seja ela dramática, lírica, ou qualquer outra) é exclusiva de um artista que inclui em suas obras o submundo, os subumanos e os suburbanos, aos quais se entrega “c-o-m-p-l-e-t-a-m-e-n-t-e”.

## TEUS OLHOS

São uns olhos muito negros  
Olhos de escuridão  
Fazem-me prisioneiro  
Esses olhos que me atraem  
Minhas forças esvaem  
Possuído sigo calmo  
As sombras caem

Como negras azeitonas  
Numa branca porcelana  
Em mesa cheia de morte  
Roletas russas da sorte  
A loucura de quem ama  
e...ai! não tê-los  
mesmo com a fome que tenho  
não poder comê-los...

**LOBOS**

No espaço entre os seus dentes  
restos de almoço  
vários lobos foram espalhados  
quero te contar como foi:  
eles foram soltos com a boca cheia de fome  
todos os lobos, eles comeram meus olhos

*Eu os vi chegar*

dancei e cantei junto do fogo  
vi febre nos olhos deles  
nos olhos calmos que tinham.  
E sabia deles, pois os pressenti sem direção  
todos os lobos, eles comeram os meus olhos  
atravessaram apressados os campos que  
rodeavam minha casa  
comeram meus frutos verdes  
minhas flores na varanda  
sonhos da juventude...  
todos os lobos, eles comeram meus olhos

## CANTO LISO

Portanto chovia  
um leve crepitar crescendo de maneira  
estranha – que fugia a compreensão  
no ar uma coisa que não se definia em perfume  
na minha visão de chuva  
mulheres e suas crias  
vagando pelas ruas ensopadas  
sobre o vapor do asfalto quente de ainda sol  
como anjos, como barcos  
sem mares para singrar / fluindo em pecados  
sem ouro, prata, rubis, safiras – sem herança  
sem nada para defender  
só em crias que se esvaem  
líquido pastoso, ventres férteis  
nem gestos firmes, nem falas  
sem o cheiro de cravo no corpo  
nem a pele brilha  
em lugar disso  
como um seco, sorvendo a chuva  
ardiam...

## UM MOMENTO QUE SE PERDE

Em volta do tempo  
pelos dias  
ao redor  
um rosto nas horas de alegria  
de nada num balanço  
um momento que se perde / esvaindo-se em minutos.  
Jamais acreditei numa luz sem fim...

**MEDULA**

Envolvendo tua medula  
tem um osso  
que te faz ficar de pé e moço  
olhar molhado e áspero  
teu rosto suando frio – em frações teu olho,  
boca  
o coração  
cada vez mais fluído  
  espalhando-se no teu corpo  
pelo medo, pela vida  
cada vez mais perto  
loucura incontida  
deslizando...  
tão leve,  
  tragando-te  
envolvendo tua ação  
um suor frio correndo pelos teus ossos...

## TARÂNTULA

em qualquer canto da casa existe uma tarântula...  
com suas patas curvas, peludas e débeis  
trêmulas de emoção e veneno  
em qualquer canto o murmúrio dos ventos  
quando se encontram num portal  
atrás de um quadro  
espargindo-se nos vidros...  
em qualquer canto, há um Pégaso  
que voa despreocupado em seu galope,  
distráido /  
na neblina do sonho de alguém  
em qualquer canto da parede vê-se um pouco de alegria  
que restou da última festa /  
estilhaços repousam também,  
n'algum lugar pelo chão... .

## PLENITUDE

Parece um galope  
pela campina  
este meu modo de pensar em você  
néctar nascente de esperança  
temos a plenitude da montanha  
e o vento nos espera  
com sua ponte trêmula sobre os jardins  
trêmulo nervo exposto ao sol  
morte leve... / águas claras...

**LICOR**

Luz branca e efervescente

lua

céu de estrelas

- jovens dispersos pelo chão alegres.

Digo, tristes com chapéu na mão

sem amores, palavras

tontos de alegria

o ar extraía da forte luz a sua força

para alimentar os sonhos cálidos

mudos, nestas bocas de licor

jeans, gestos, nomes e coisas

agora fundidas em silêncio

cavalos alados, dragões e gritos

desfilando em alegoria

sopros de flautas e apitos.

**ERA UMA TARDE QUENTE DE VERÃO & COCA-COLA**

Cada meio é uma volta  
que se dá no meio de mil  
p'ra rir  
cada passo é uma prova de que ainda vivemos  
e estamos por aí...  
os trocados que não damos  
é uma prova de existir  
existindo se conhece  
amar, partir  
fome, sono  
rasgar as veias , sair  
exilando nossa dor, só para o dia de amar  
desconheço / reconheço  
o meu cheiro de poeira  
de calor e fragmentos de rua que tenho no corpo desde que saí  
fui descendo pouco a pouco  
leve pelo ar,  
em gestos vagos  
e não te vi na rua nua  
era uma tarde quente de verão & Coca-Cola...  
soprava um vento fraco ou quase nenhum ,  
era uma coisa parada,  
tinha gente colorida  
andando pela Avenida & tudo brilhava, tremendo em agonia  
tudo era uma só coisa  
e podia-se condensá-la numa palavra  
se tudo já não fosse essa massa úmida, única.

## A MAIS DOCE ALUCINAÇÃO

... em busca de algo para mim invisível  
à margem de estranhos caminhos,  
minha sombra percorre o mundo...

### II

Quando numa noite você já estiver com o corpo úmido de suor  
E acender mais um cigarro, sabendo que vai morrer  
num momento cravado pelas pedras brilhantes de sua mais doce alucinação  
você ainda vai rolar e gemer mais um pouco  
... ainda existem vozes na rua  
nem tudo se resume em silêncio  
em quase poder se escutar o sussurro das ondas  
nem tudo é isso – ainda ... e se tudo fosse agora?  
uma oração no meio da noite talvez,  
aliviasse o peso da nossa culpa  
se lhe viesse uma lembrança para aquecer  
o peito jovem que temos  
poderíamos recorrer aos nossos mistérios  
em duendes, gnomos – tomarmos uma infusão  
mas tudo isso é enquanto deitado na cama  
/ você não consegue dormir com o calor  
um grito  
um corte em todo o pensamento  
noite  
você é uma doce recordação dos tempos  
momentos de solidão  
contradizem-se faiscantes  
nas vezes em que procuramos  
nos embriagar  
e com sofreguidão  
no escuro, em busca de um amor  
que numa vida inteira

não conseguiremos entender  
c-o-m-p-l-e-t-a-m-e-n-t-e.

## **TRINDADE**

Os três parados  
mudos, quietos, olhos fechados  
feridos, petrificados pelo sal  
pelo tempo, de olhar o céu azul  
do mesmo lugar  
mão no peito, dito perdidos  
a esperar o Eterno, que virá  
com o fim  
numa curva qualquer de uma baía  
eles esperam  
em transe  
são imortais  
cobertos pelo lodo da permanência  
adquirem suspensão à margem  
do seu mundo simples  
sem dor, sem chorar  
ali, qualquer lugar  
amargo trago, travo sem gosto  
salitre, sobre vermes e cetáceos  
descansaram seus corpos feridos  
à espera de outro Deus...

**PLATINA**

Pensei no seu beijo quente e você chegou  
enquanto eu estava deitado na areia  
lua prata / mata-luz branca  
platina  
perplexos no manto, nas ondulações, nossos corpos  
você meu canto, esperança na tua mão  
afagando-me  
sono frouxo – leve como o frio  
e o sonoro gorgolejar das corujas  
rasgando meu sono  
despertar cítrico no silêncio  
atropelo-me - resisto – insisto  
o grito se prende em mim  
minutos tortos, opacos de um despertar  
no escuro – corpos espalhados.

## DOIS CORPOS

Em riscos paralelos, nos espargimos pelo chão  
em faíscas  
como uma voz que se separa do ar  
distintamente, ambos invisíveis  
o resmungo de um bicho  
o ranger duma porta  
é como uma coisa sem vida  
só pensamos porque algo nos atrai  
para o centro  
faz gemer  
a lembrança  
como se existir fosse linha reta  
(sem curvas ou desvios?)  
não havendo estradas (entre) cruzando-se  
alegrias rápidas, vida  
que nos separou coisa (óbvia)  
como explosão  
última vez...  
grito medroso que se escondeu  
n' algum lugar dentro de nós  
e começou a viver dentro dele  
como se tivesse vida própria  
difícil, inacessível  
nos arrastando pelos minutos  
nos consumindo  
com sede  
fome  
para sempre  
derramando uma escuridão fria  
sobre nossas bocas...

**IMAGEM NOTURNA**

Você saiu pela rua  
com a fome de sete dias  
desesperado em comer  
perdendo-me e eu não via  
você de boca rasgada  
em busca de mais uma noite  
em busca de fantasias  
você se perdeu  
perdeu-me  
na sua própria agonia  
você com seus dentes  
sua língua sem tranca  
esqueceu que chega o cansaço  
e que se perde a voz  
você se esquece de voltar para casa  
e dorme na rua  
bebe em xícara sem asa  
passa mais um dia fora  
mais um gole, mais um trago  
enfim perde a hora  
esquece como consertar a roupa  
de se perfumar  
mergulha no mundo  
sem fundo  
imundo  
sem lavar  
rezar  
nada em fim em que possa crer  
nem hora de chorar  
em noites sem cosmos  
rindo muito, bebendo, fumando  
esquecendo a casa

sem filhos, irmãos  
a dor se embriagou  
se fez de morta  
calada, espera  
curar  
das festas  
se recuperar  
retornar  
enquanto olho para o mar  
este mar de azul profundo  
dor, alegria e asfalto  
longas avenidas que esperam  
curvas, montes e planaltos  
a noite pela frente  
gasolina,  
prostitutos, luzes...  
e ainda mais vida  
como se não bastasse atravessar a madrugada  
sangrando  
(rifle, capa e espada)  
um tigre, um grito  
um pássaro na gaiola  
um sonho, acordar  
homem  
que segue em frente na vida  
quente, muito quente  
a conta de luz e sol  
cama, lençóis e cobre  
durmo quase tranqüilo  
este mundo espera do outro lado da cama  
ah! como se não bastasse  
como se viver fosse dormir  
enrolar-me num lençol  
silêncio rompe o dia

café, pão e manteiga  
esquinas sem querer  
ver  
gritar  
cruzar  
pensar  
viver  
agir  
correr  
arranjar  
comer  
salário  
encher armário  
acompanhar  
subir  
sol a sol  
o ano passado  
viver sonhos caros  
pessoas  
tão diferentes da sua vontade  
dinheiro  
tempo  
longo, sem graça  
ruas  
pólicia  
fontes, praça  
águas esfuziantes  
despertar, sem ter dormido, sem nada  
o jornal  
o crime, terror: vida renasce  
é tudo lindo em pleno sol  
ando bem, desperto...  
é a vida.

**SEM GENTE**

A casa velha sobre a montanha  
velha morada  
cor castanha  
os tijolos expostos  
desgastados pelo vento  
sem portas, janelas, chão e teto  
sem gente, sem vida  
a velha casa da colina  
no fim do vale,  
é um mundo – uma invasão  
murmúrio do vento, redemoinho  
suas entranhas,  
o silêncio da noite  
o brilho pelos buracos  
pelos cantos do chão,  
flores selvagens  
entre as paredes, colunas  
jardim- quartzos cristais  
cintilam a noite.

**FURTA – COR**

... quando já sem dor ou emoção, penetro  
no escuro  
começo a escutar os sussurros de pavor  
que habitam meu silêncio  
a minha ausência  
nas noites de frio, quando ando pelas ruas  
nas feridas abertas dos que dormem num  
canto qualquer duma avenida  
em que entro sem querer  
não podes me acompanhar em meus gritos  
em meu sonho, delírio furta-cor  
suor frio que ensopa meu corpo  
no meio da noite  
desenrolo a trança  
do laço frouxo – esperança  
tento rasgar as fibras do teu rosto,  
do teu riso- procuro em mim o seu gesto  
acelero  
deslizo nas estradas.

**PARA DORMIR NO ESCURO**

Desde que vi a casa  
sabia que era torta  
seca, sem trinco nem porta  
não tinha nada/ ninguém na rua  
rua sem nada  
sem festas para que alguém pudesse se animar  
a rua sussurrava como o passar do tempo  
a casa  
esperava ...

**MORMAÇO**

Corte

sem sopro

sem gosto

cansaço

os pássaros sem voar

imensidão

plenitude

meu corpo.

**A BREVE IMAGEM DE UM HOMEM**

Noite de chuva

Frio

um homem sangrava

grito que não saía da garganta

rouca

corpo molhado

róseo pelo sangue

agonia

vontade como há muito não sentia /

do próprio riso

pobreza

roupas

sangue

vida

volúpia

medo letal

estanca

riso frouxo

corpo a tremer

gesto de dor

silêncio

silêncio.

**HEAVEN**

ficaremos à borda da mesa  
num bar qualquer  
a qualquer hora  
seremos jovens comportados  
brevemente coloridos  
mesmo assim, hão de perguntar algo  
qualquer coisa, eles sempre perguntam  
segura minha mão com força  
não me abandone agora  
preciso do teu olhar  
teu silêncio /  
em paz  
neste minuto...

**VAGÃO - I**

formaram um trem  
uma locomotiva, vagões  
aquém  
ilusões  
atrás de olhos rachados do olhar perdido  
entre paredes  
de paixão  
ventos – da noite em que os risos simplesmente se perderam

## **IMAGEM DO SILÊNCIO**

Espalhada  
A alegria  
como erva que se alastra  
imagem refletida na superfície fria  
do espelho, presa em estranha moldura  
ausência renovada  
antigo objeto  
meu reflexo se repartindo  
lugares ermos, cubismo .

## **JOÃO BOSCO**

Cabelos em desalinho  
olhos arregalados  
óculos na multidão  
o mundo  
as pernas  
música suave nos embala  
outros sonhos .

## **BAR**

... numa mesa de bar  
o ideal seria nos lançarmos  
contra o vento  
e gritarmos alto,  
pensamentos sem tradução  
mas que todos nos entendessem  
... nos entendessem.

**REVOLUÇÃO**

(A Menina da Rua da Glória)

Glória do Recife, rua, revolução

menina fugindo da chatice

Latrina americana

amo sozinho

carnaval, vinho

rápido trem

além

ainda

Noite finda

inquietante domínio do Império

fábricas, não, querida,sério

filme

Ela suspira.Transpira .Vira,revolve

Suspensa. Indecisa. Tranqüila,se dissolve

Se comove.

mapa perdido

A carreira,a lameira – o saleiro-a peste

Nordeste

escravos,cravos do crucificado

Transparente, sublimado

A menina Revolução esconde-se do afeto

às margens secas do Capibaribe

Boa Viagem, Boa Vista

suplício

Precipício. Meretrício

alcance,relance.Não cansa

a crioula carruagem,

o inatingível desejo

Ensejo.Percevejo

Zeppelin crepuscular do Jiquiá

falo no corpo, alma no lodo,lótus,divindade



brilho de pequena estrela  
Cerveja, cigarros  
entretê-la  
Dançarina em imenso leito, doce deleite  
Lamparina, fio mágico que se suspeite

Outra cidade  
Ferida,  
sem carinho,

Aborto, finanças, lugar errado  
o passado  
:abandono.

Ó índia! Ó cigana, negra, pedra preciosa:  
Teu olhar solta faísca, pareces agora vitoriosa.  
Os cavalos estão nos prados  
A rainha sendo explorada, a vida na miséria, corações  
ruas sujas, pontes seculares que levam ao nada

Ela se vira, insinua algo  
A grande vedete dormia só, com alguém que havia pago.  
Seu estilo  
uns *drinks*  
só medo  
algo de mágico no sexo  
amante depois do coito, fantoche desconexo  
jogado do alto  
Sangrando: sobre o asfalto.

Amor, “*Não pergunte. Eu parti...*”  
Continua a história...  
Revolução: rua da Glória?

**VOLVER A LOS 17 (O MONSTRO)**

Dorme em mim

Ainda

Um monstro

Pequeno índio

Instinto

Computador

Piano

Harpa

Emitindo notas

E eu me guardo dentro deste coração

Emoção

Eu teço peças e projetos

Invoco rios e mares

E vou me entretendo

Neste lugar chamado infinito

Primitivo

Selva de sangue, ossos, cabelos, músculos

Seio materno

Corrida

Torpor

Versos soltos

Corpo

Pequeno celeiro

Raios

Solução

O monstro me dá sua mão.

Balada Infame

Caçador ferido

A primeira rua  
Os *flamboyants* (folha de confete, flor alaranjada)  
Éden  
Tardes de chuva e sol de alvorada

Viver para distribuir entre os mais estranhos  
As experiências vulgares que custaram tanto

Modernas tavernas  
Rimas estranhas

Banho-me  
A Idade da Razão é uma fraude  
Haja o que houver, foi ontem e não dá mais.  
Gozo gasoso  
Espelhos alucinógenos  
Colagens estapafúrdias  
Amigos  
Vôo de bruxo

Na última hora, a última chance.  
A esperança: esmagada  
O escaravelho  
Na pequena ilha perdida  
Haverá salva-vida?  
Aqui onde o mundo começa  
Estrelas hoje gotejam chuva louca,  
Nestas praias ermas  
Só seres imaginários na memória  
Estou na nascente dos meus rios de tinta  
*Pernambucútero.*  
Crepúsculo & Aurora.  
Negócio? O ócio?

Vida caleidoscópico.

Agonia atlântica

Erguem-se, do fundo do oceano

Do leito dos rios

Capibeberibe:

Estranhas criaturas, estranhos monumentos

Pedras e vegetais.

Seres metamórficos

Espaciais

Guturais

Espalham-se

Conjuram-se

Tantos!

Dentro do coração

Inocentemente,

Ilha

Pedras

Chacoalham no inconsciente.

Sonhos calam-se

Um deixou as trevas

E aproximou-se de repente

Leite doce,puro,virginal,reluzente

Gotas,pétalas, transparente.

Monstro / mente

Ergue-se em nova vida

Qual ferida entorpecente

Cosmos presente

O Monstro Mamãe Papai Serpente

O livro,a dor, as lentes,o orgasmo, silenciosamente

Contrastes, terror: os olhos doentes.

Satisfação

Língua que badala o que o domingo calara

Agora já o sabe toda a gente :  
É chegada a hora do Monstro

Já não há tranca que o sustente.  
É o fim, é o fim...de toda a corrente.  
Porque não existe pintura  
Psicanálise  
Cadeia  
Nem porrada, câncer, igreja  
Nada que nos livre do Monstro

Caça / caçador  
Gato manco depois de atropelado  
Arrastando-se estrada adentro  
Assustadora busca  
Por uma flor perfeita  
O choro dos bebês e dos velhos  
As margens das mortes.

Hora do Apocalipse  
Do grande eclipse!  
Julgamento

Tribunal da língua  
Palavras, sabores, desejos...  
Sessão oblíqua  
Cabeças paspalhonas...  
A desumana corte  
O processo  
Os espasmos  
A ferocidade do Monstro / Espantalho.  
O revólver em minha direção  
Fujo para a caverna  
Meu inútil algo mais

Espaço que transcende .  
 Meus satélites  
 Mofo  
 Chego sangrando  
 Dedos quentes& reluzentes

Os olhos do Monstro parecem Chicletes de frutas perigosas  
 Dopam ,amalgamam  
 Metaforizam a grande necessidade

Ó Grande- Mãe,desperta!  
 Chama teu filho Monstro.  
 Arranca-o de mim de novo: vai!

E os dias passam,modorrentos,sedentos,cheios de suores,  
 Chuvas, calores, calafrios.  
 Castelos, casebres, lojas  
 Espalhados pelas cidades estão os pensamentos  
 Trilhas adiamantadas, quilates exagerados  
 Procissões  
 Apavorante andor  
 Ardor  
 Poreja sangue das paredes psicodélicas.  
 Sinos repicando velhos dobres  
 Pelo Monstro em cada um  
 Nas ruas.  
 Calçadas  
 Risadas ecoam  
 Há um fundo medroso em cada ouvido  
 Fingem não ouvir  
 O pedido de amor que lhes dê coragem para desafiar  
 O Monstro / destino  
 Estranha aranha,

Suas teias de agonia  
A realidade derrotada pela imaginação  
Não mais à altura do sonho  
Vira pó  
Dissolve vidas inteiras  
Parece sempre tão pouco tempo para a paixão  
Sacrifício  
Dar sentido à existência.  
No meio da procissão, tomado por vã inspiração,  
A pior idiotice é pensar que o homem nasce livre.  
Olhos ao infinito  
Ele se aproxima  
Cores tão intensas tocam minha alma.  
Minha mente tão apressada  
Quem quisesse acompanhar esse encontro  
Teria que dar saltos inacreditáveis  
Minha música toca  
Quando o monstro atira para o lado o corpo de um guarda  
Os outros mergulhados no absurdo se afogam  
Na ilusão de algo que os afaste do Monstro

Unhas, pêlos pretos, olhos vermelhos  
Estranha sinal o anuncia  
Envolve a criatura.  
Ele se arrasta em busca de mim  
Pela fria entrada dos meus aposentos  
Na varanda um pássaro pousa.  
Um pássaro canta na varanda  
Estridente  
Com aquela cara boba de passarinho  
O Monstro aproxima-se  
O pássaro foge  
O monstro olha-me  
Flamejante

Encrespa-se

A noite vai descendo até o chão.

### III

Ele sente o poder da minha fortaleza  
Castelo, novo paço chamado vácuo  
Vencedor de antigas solidões

Ele quer a minha essência

Paralisa o meu corpo

Não há escapatória ,nem improviso

Escrevo estes versos a contragosto

Esparamo estas linhas ao relento

Agora que tudo está para se decidir

Através do vitral estranha luz nos redimensiona

Paraíso perdido

Vingança

Vitória

Labirinto

História.

Não há caminho de volta

Nem lugar que me salve?

O Monstro é lagarta rastejando para a metamorfose

Quer néctar do infinito.

Quer interromper a minha busca

Tortura a consagração

## IV

Tenta dominar minha alma  
Sinto algo estanho  
Nas minhas veias o mal tenta alastra-se  
Minh'alma e corpo postos à prova ,  
Amor & morte  
Eu e o monstro  
Em estranho tabuleiro

A minha torre: a extensão do meu corpo  
O rei: a sombra de um gavião  
A rainha: minha memória  
Os peões são as montanhas,  
Os bispos os desertos,  
Os cavalos: sertões

A natureza silencia  
Eu percebo através das poderosas lentes

O violão sobre a mesa-  
Mudo há muito tempo.

Estranha epifania nos envolve  
Isso provoca tosse no monstro  
Ele ruge.  
Suas mãos assassinas e etéreas  
Buscam meu pescoço.

Sinto o calor de uma imensa fogueira.

O monstro recua

Percorre-me as veias um sentimento de alquimista  
As coisas ao meu redor parecem frutas apodrecendo.  
Cabeças de Medusa petrificando  
Estátuas morenas onde Amor pousou um dia...

O monstro exhibe as suaferidas e pesadelos  
Cicatrizes .Ossaturas,quadros –  
Ouro envelhecido pelos séculos  
Nudez  
Legião  
Consciência  
Infâmia  
O céu pela janela  
Parece rasgado por golpes de facão  
Estranho colorida em chuva fina  
Relâmpagos  
Raios

As engrenagens da cidade derrotada brilham ao longe  
É a verdade como ficção  
Arranha-céus se contorcem

O monstro volta-se para mim  
Aumenta o barulho da chuva  
Um vento frio vem do lado das muralhas  
Grandes serpentes negras avançam  
O pássaro da sabedoria espreita,  
O espírito do mal vagueia  
A magia bebe na grande fonte  
Os gestos do monstro tentam agarrar o infinito  
O fracasso da humanidade humilhou ricos e pobres

Há muitos cadáveres boiando no rio

O monstro observa tudo  
Sem pressa

Não há vaidade no monstro  
Nem remorso.  
Ele se transforma em todos

Misturo meus desejos com os da cidade  
Ela que me mostrou um caminho e seguiu outro

Não choro

A dor é grande pela cruel destruição  
Cada minuto que se vai contém a eternidade

A chuva acaba com tudo

A peste devora o resto,  
O fogo cresce

Explosões

Não há como fugir

Resta-me a insensatez.  
Não lutar mais

Entregar-me

Improvável, mas não impossível  
Lateja ainda o meu coração  
Em concerto com o coração de pedra da cidade  
Em estertor

Vigiado pelo monstro sorridente  
Que me mostra que tinha razão

É o pulsar final do amargo verbo chamado *esperança*  
A suspeita mostrou-se pior do que a certeza.

O monstro abraça-me.

**BALADA NO JANGA**

Em busca do tesouro, compus um poema,  
De jeito astuto, com tema cruel  
Vento da noite assobiava na janela.  
Bebi um pouco de rum que trouxe do bordel  
Noite escura que não esqueço,  
Coloquei entre as estrelas meu endereço  
O ouro que tinha esgotara-se,  
Os sonhos de rapaz tiveram alto preço...  
Cão do mar no meu encalço,  
Todo oceano é pequeno para fugir  
Todo brinquedo insuficiente, para me divertir.  
Numa espécie de jogo esquisito e perigoso ,  
Apostei minha última chance  
Calças vermelhas, casaco blue jeans,  
Óculos de Lennon, num lance  
Entre os deuses coloquei minha sorte,  
Fui julgado por um jumento fedorento  
Não vacilei um só segundo na hora do corte  
Que foi lançar meu pensamento

Criando meu próprio universo:  
Novos seres, nova geografia  
Desci da montanha da maldição  
Trazendo vivo o que lá jazia  
Cabala de emoções,  
Multipliquei-me de várias formas  
Em paisagens dramáticas  
Subvertendo normas  
Animando a imaginação  
Acirrando a fúria, pela morte do preconceito  
Vi a velha Europa, o Egito  
Israel e corri a América, quase perfeito

Mergulhei em tantos livros  
Para descobrir que nada é tão profundo  
Mas nunca foi suficiente para mim só olhar.  
Estuprei assim,a solidão do mundo  
Bebi o ácido licor dos vales encantados  
Amotinei-me contra a Razão  
Barco sem rumo.  
Lua nascente-sol poente:abandonei o capitão

A disputa começou,numa praia ao Norte do Recife:  
Dados rolando,medo,terror  
Sempre numa briga assim  
O *Janga* mais parece um tango (amor e dor)  
Quando a faca corta o pano  
Vê-se o sangue escorrendo  
Só um vencedor é rei  
Todos querem o tesouro,estou vendo  
Aqui é como uma ilha  
Onde nunca pára nem sequer um navio  
Perdi casa ,perdi filhos  
Perdi o meu caminho  
Mas ainda vou recuperar  
Se a sorte ajudar um pouquinho  
Refazendo o tempo com letras  
Vivo intensa aventura  
Na espuma desse mar *jungle/ jangada*  
Novo tempo se estrutura

Os esqueletos não me assustam  
O deserto eu não temo  
O mar enfrento  
Solidão é brinquedo de poeta  
Se é para não me calar,eu tento  
Balada no Janga vou comendo

Incrementando minha jornada  
Portugueses,holandeses:  
Recife ao longe nunca está parada  
A cada barco,novo sonho.  
Voz de mãe a lembrar  
Mistérios do mar  
Mistérios do mar...  
Filho: estarei rezando  
Eu te amo tanto  
Esse mundo é tão grande  
Pode-se ir para sempre  
O horizonte se expande  
Filho:vou fingir que não sofro,que você não faz falta.  
Filho:chorarei todo dia  
Ao lembrar que está longe o meu filho.  
Assim me despeço,como a *outra* Maria.

A roleta  
Os dados  
Olhos incendiados  
Paixão enlouquecendo  
Perigo da deriva  
O mundo dá tantas voltas  
Na trama vai se perdendo  
A minha vista cansada  
Quer dar uma boa olhada  
Curtir mais essa balada  
Quando aperta ,temos que estar em alerta,  
Porque é morte certa  
Acelerada  
O que tem no fim da estrada  
Depois da ponte:o fim do Rio Doce  
Olinda ficou pra trás.  
Roendo as unhas

Contando os dedos, como se criança fosse  
Tal uma ilha perdida, sem mapa  
Sem saída: nem lei, nem lenda  
O porco imundo se assenhoreia:  
Vai gritar “fim” da contenda  
Não esperem de mim senão balas  
(se disser que tenho medo)  
Mas luto desde cedo  
Na bondade não encosta um dedo

Raça de cachorros.  
Cães mortos não mordem mesmo na esbórnia  
Enquanto isso, toca num rádio bem velho “*Hotel California*”  
Posso pedir a conta a qualquer hora  
Mas nunca posso ir embora  
Tripas para fora  
Cachimbada  
Comida de vermes  
Boca de tubarão  
Sem demora  
O velho anuncia o resultado do embate:  
A lâmina, a ponta do facão: *zaz!*  
É chegada minha hora  
Desenrola-se o carretel  
O corvo diz nunca mais...

Tirei a sorte grande!  
Quem mata a esperança, engana-se  
Bem se vê  
Ergo os braços e, delirando ainda pela vitória  
Como num desenho animado da tv  
Compartilho com seres mutantes, essa história  
A noite ter assim terminado  
Esta foi a *Balada no Janga* :

Eu, vencedor de mim mesmo, sigo mais relaxado.

## GRAÇA

Lá vai, sem graça, madrugada largando a caça  
 Madrugada, a vida meio chata na impossibilidade transpassa  
 Francamente, displicentemente, distraída da farsa  
 De um dia vago como um apartamento, vazio, perto da praça  
 Jogo inútil de metáforas repetidas até a carcaça

Graça suspira, transpira, respira, se vira, disfarça

A vida vara, a emoção esfria, nem ódio, nem amor  
 Descalçar sapatos novos, repetir roupas, pegar elevador  
*Playground* assassino, armadilha suicida, esse leve tremor  
 De um dia passado, na falta de amparo no inútil rancor  
 No levantar das âncoras: partidas correntes, sem nenhum frescor

Graça suspira, transpira, respira, se vira, sem vigor

Nada espanta, músculos enfraquecem, olhos cansam  
 Um certo clima, certo *dancing day*, recordações levantam  
 Ritmo dissoluto, *drink* transparente, mulheres cantam  
 E assim, parecendo sem resultado final, peijas espantam  
 Diferentes juventudes, desdenhosos *teachers*, que se enfadam

Graça suspira, transpira, respira, se vira, esperanças acabam

Face nordestina incendeia, desejo que insulta

Graça labuta,

luta,

catapulta

Cerveja de novo, cigarros, noite vazia, carro com multa

Padres,pastores,senhoras,senhores- coração:escuta  
 Graça ,amanhece crepitando – sol avulta  
 Aviões que chegam,  
 ela parte,  
 cabeça morta,  
 insepulta

Graça suspira,transpira,respira,se vira, se culpa

Nuvens vagueiam,sacudidas pela repentina brisa  
 Nos dentes,narinas,barriga,**seu bebê** avisa  
 O filho que você não queria mas, (quem) precisa?  
 Aparece no café expresso com bolo, indecisa  
**Aborto** marcado,fatias de fígado e coração que repisa

Graça suspira,transpira,respira,se vira, revisa

Apertando os dedos, *paletozinho* entreaberto,maquiagem  
 Vai garota:coragem  
 Banco de táxi,lágrima furtiva,no meio da viagem  
 Roendo unha,retocar batom,rasgão na paisagem  
 Cidade plana ,Recife,rito de passagem  
 Vida que quis,efervescente,livros,selvagem

Graça suspira,transpira,respira,se vira: *desimagem*

Do aeroporto dos Guararapes, beira-mar, Pina, *Cabanga*, Derby, pivete  
 Não há quem possa,Madalena às sete  
 Pagar táxi ,seis e meia,abrir portão,rainha,valete  
 Pai dormindo,mãe na cozinha, insípido chiclete  
 Escova,mente,vaso,descarga,chuveiro, gilete...

## **É HORRÍVEL CONHECER A VERDADE**

É horrível conhecer a Verdade  
Saber da ávida ânsia, ou da negra claridade  
Iluminar abismos confusos  
Onde os menos favorecidos são profusos

A verdade é apenas uma idéia vã  
De que crer é morrer e pensar é tolo afã  
Por isso, meu caro, há erro na Ilusão  
E na desilusão, no Pessoa e na alegre Canção

Não torço pelo esforço ou alvoroço  
Não descasco máscaras, só no calabouço  
Porque aqui vale tudo: lúgubre repouso

Revelai-me a vossa Alma, e vossas asas  
Abrir-se-ão: infinita Ansiedade em suburbanas casas  
Confrangidas e supervalorizadas, onde o futuro é sonho.

**DESAPARECE O SOL NA MINHA JANELA**

Desaparece o sol na minha janela  
De um dia feliz sem mazela  
E o cinza azulado sai escurecendo  
Como homem sombreando menino

A luz em outro lugar, novo destino  
Me furto, me farto, com as cores esmaecendo  
Lembrar outros lumes  
Antigas caminhadas, Madalenas, perfumes

Amores de ingênua malícia  
Fim de tarde de sábado, tão propícia  
A cantiga do pastor ao longe

O sino da missa das seis plange  
Lembro de um final feliz no cinema  
Olhamo-nos sorrindo achando a solução para o Dilema?

## **GATO PRETO EM CÉU AZUL**

Porque numa tarde como aquela  
Ele desperdiçou a última chance  
Ao trair alguém que o esperava na janela  
E apostou todas as fichas no lance

Porque não era nenhum jogo perfeito  
Nem céu azul nem gato preto  
Era algo mesmo assim transcendental  
Aquele olhar, aquele toque sobrenatural

E mesmo assim, os dois caras sorriram  
Havia a arte em jogo e a estranha mulher  
Pensaram em não perder um minuto sequer

Mas o desenlace foi tipo destino malvado  
Mais inusitado do que esperavam  
Dança em um ritmo desencontrado

**FOLHETIM**

Ah, meu amor!/ Por que teve que/ ser assim?  
Cada copo que bebo/ tudo sempre parece /começo e fim  
Do amor/ entre quatro paredes  
Eu caí nesta rede/ de intrigas, /trapaças  
Como numa novela,/ tal e qual /folhetim?

Ah,/ meu amor!/ Escuto a porta batendo  
Que maldita surpresa!  
Seu bilhete na mesa  
Explicando Tim Tim/ por Tim  
É bem/ melhor /que seja/ assim  
A jogada perfeita  
Que com toda certeza  
Antecipa o meu fim

Se ainda/ resta/ alguma/ chance  
Talvez/ alguém/ me ofereça/ champanhe  
Me convide pra dançar/...ah, meu amor!

Ah, meu amor! Por que tinha/ de ser assim?  
Que destino fatal,/ presa num hospital  
Sem dinheiro,/ é o fim!  
Até que a Sorte/ sorriu/ pra mim  
E no lance final/ como numa novela,/ eu /venci!

A jogada perfeita  
Como numa novela, tal e qual Folhetim!

**ROMA**

Anagrama do amor de hoje e ontem

Itália colossal

Quis deixar para trás a minha própria vida

No fórum

No Coliseu

Eu mesmo devorado

Deuses e estátuas, imperadores, basílicas

Mercados dos meus amores

Dores etílicas

Uma praça tão triste nessa hora

Sou sacrificado entre muros caídos

Paredes das termas de Caracala

Atravesso as portas monumentais

Carrego pela Via Ápia meus sentimentos momentâneos

Não mais a via de Roma para a Grécia

Como antes

Agora tremulam os mediterrâneos pinheiros

Catacumbas

Esplendores barrocos

Sinto o abraço de Bernini

Aperto universal de pedra e cacos

Nas igrejas, as esmagadoras obras de arte

Sou eu no colo da Pietá de Michelangelo

Sansão amarrado nos baldaquins

Pareço o Vaticano

Sou o menor país do mundo

Sou prisioneiro do gosto renascentista

Catolicismo triunfante na contra-reforma

Sou Roma que me tenta

Neste claustro

Não me acho

Estou na iconografia de cristãos arcaicos

Perdido entre naves  
Pórticos  
Panteões  
Guetos hebraicos  
Gerânios, colunas, calçadas prosaicas  
Vida inteira jogada fora  
Sigo rápido margeando a fonte das tartarugas  
Busco beijo à luz de velas  
Vinho, massas, molhos, desculpas amarelas  
Que chegam com a noite para este viajante cansado,  
Continuo através dos dias  
Palhaço espantado  
Hóspede de palácios mal assombrados

*La dolce vita* na Fontana de Trevi  
Doce vida!  
Dá-me logo a espumante abundância!  
Mesmo que seja por um instante breve  
Compara-me ao efeito ágil desses cavalos  
Rochas, desses deuses, desse teatro danado  
Desta fachada artificial  
Nesta pequena praça  
Eu, amolador de facas  
Jogo moeda, ágeis cavalos, esguicham, escorrem,  
Já nem sei, neste labirinto de ruas, para quem...  
Ó água incessante, vento do crepúsculo, como acabará esta noite?

Ando até a praça de Espanha, carícias  
Bem sei, virá depois o açoite  
Escadaria grandiosa  
Vou descendo lentamente, sozinho  
Azaléias, café & burburinho  
Curvas & reentrâncias  
Festa ininterrupta!

Transeuntes & becos escuros

Estrelas, gritos italianos

Cadê meus avós?

Perderam-se nos subúrbio dos anos

Em parque sombrio que já nem sei mais

Tanta música na memória

Súbita alegria, de mármore, aliás

Metafísica, metamórfica, reencontro

## O SOPRO

Coisinha linda tinha toda a magia  
Que é difícil de acreditar  
Nunca longe demais  
É difícil conceber  
Nunca pensei que tivesse que ir  
Nunca pensei que partiria  
Veio como num gesto mortal  
Gozado, não é?  
Que uma pessoa tão jovem faça o mundo parecer pequeno  
Difícil de crer que pareça tão forte, esta coisa chamada amor  
Não foi grande o suficiente, e o amor teve que partir  
É assim que funciona!  
Veio como um sopro mortal  
O amor tem pó sobre as asas  
Que leva para lugares, onde se pode conseguir o beijo da vida!  
E onde é fácil de viver (tão fácil!)  
Sem a necessidade da essência da alegria  
Mas tudo se desfez também, num sopro mortal.

Foi bem assim, eu lhes digo.  
E o amor varreu-me dos meus sonhos de juventude  
Eu agora vejo o anjo que me vê  
Ele sopra nuvens douradas num céu azul e laranja  
Flauta soprada, ritmo de eternidade.

**ODE AO LIVRO**

Luar solidificado, fogo congelado, dor que murmuro  
Barcos em estranhos mares de vinho escuro  
Que me fazem Deus no quarto e me crucificam na sala  
Maravilhas e perigo: loucura breve  
Com água de serpente ou com sangue se escreve  
A teia de homens, truques da alma em animal e flor  
Sonho da vida de sonho-monstro feito de olhos e dor  
Paperback, pulp fiction, luxo: melodia que não posso traduzir  
Que me leva de volta às fontes e ao porvir  
Velho-moço aprendendo e errando  
Corvo e pomba branca casando  
Senti-lo sem lê-lo, tateá-lo penetrando-o  
Buquê jogado no espaço, vento despetalando-o  
Fantasma atravessando meu último recôndito  
Cascavel celestial que me deixa atônito  
Papel, tinta, luz na minha memória  
Vários dias e noites numa só história  
Que faz os vencedores se curvarem  
Paraísos de leite e mel, secarem  
Pavão perder suas cores, desnudando-se até a essência  
Necessário pecado, nossa arrependida convivência  
Tentativa e erro, retorno à pátria e desterro  
Que me faz sombra e candeeiro  
Sonho em claro labirinto-frio ou quente  
Espelho temeroso, livre metáfora, inverdade  
Alusão às inatingíveis estrelas no fim da tarde  
Inrrompível cadeia (criação/ imitação)  
On line ou na minha mão...

**AGNUS CASTUS**

Distante num mundo perdido

Encontra-se o casto cordeiro alimentado pelo estranho vinho

Recusando cupidos tentadores e vacilando na jangada imprecisa

Traça o perfil do interesse debruçado em antigas vestes

Decidiu assim livrar a mãe da miséria comendo a hóstia da impotência e vive

Trancado na (im) (paz) ciência

De vez em quando seduz, através da pênis impotência

Até quando atravessará seus interesses assim?

Sabe Deus, até o fim

Agnus castus, remédio mal bendito

Bendiz maldiz em **negrito**

## A HORA E O LUGAR

Deságüe sobre mim:

o fluxo do seu declínio venceu a minha força .

Ainda tenho uma certa grana e confio em Deus

Mas não engulo essa

ficção da arte como verdade

Se você me amasse como o poeta ama o poema que o mata...

Teria sido mais fácil escapar das conseqüências do que você fez

A arte foi a mentira que me levou a verdade, eu bem sei

Mas verdades e mentiras são tão relativas. Não é mesmo?

Meus dedos pálidos reclamaram seus mortos

Minha lua, que a noite esqueceu, me chamou

Não me senti muito bem na minha pele

Não quis que me entendessem, não quis entender ninguém

Quando eu percebi quem você era, lhe esmaguei

Nós sabíamos que o sistema era selvagem

Mas a poesia traçou para mim um horizonte

Eram aberturas subterrâneas, por onde as palavras deslocavam-se

Inseguras...sob suspeita. Bisturis *desconstruindo-me* sem meios-tons

Verdade como ficção ,sentimentos delicados, nobre melancolia

Não tinha mais meu papel, era espectador de mim mesmo

Era com o que contava pra sair dessa

O que este personagem queria. O que necessitava? O que conseguiria?

Sobre o ser humano não há certeza alguma

Somos adúlteros de qualquer forma

Você sem me entender e eu por tentar explicar quem é você!

Paixão e elegância nem sempre andam juntas

Sujo e feio me encontrava naquela guerra

Se eu perdi, não foi porque desisti

Ainda acrescentei uma última volta ao parafuso:

Foi este meu *métier*: dissecar o animal dentro de mim

Nunca tive nada a ver com o que aconteceu no Paraíso!

Vida desordenadamente longa, noturna, agressiva, torrencial

Eu voltarei quando a noite cair

E o céu não me esquecerá...

**BALÉ BOUGANVILLE**

Os ventos levam pólen  
e as abelhas também  
Orquídeas, lírios,  
flores são tão simples, mas incríveis !  
Todos os amores convivendo em pleno ar  
Pétalas, mistérios e flor a girar

Tantas cores, no verde  
de noite ou de manhã,  
Chuva, sol, sereno: lilás flor da jurubeba  
Flor do coco, do jambo, e do maracujá,  
Estrelas e peixinhos, no céu e no mar

*Flamboyants* e *dálias*, *bouganvilles* mais que lindos  
Perfumes, carícias, de um amor tão infinito  
Não está no banco e nem na tela da TV  
É na Natureza que você vê

Todos os amores convivendo em pleno ar  
Estrelas e peixinhos, no céu e no mar

**QUAL O SENTIDO DE SER FELIZ? (*nonsense*)**

Pagar um preço tóxico por ser  
emocionalmente analfabeto quer dizer  
não demonstrar fraqueza nem carência  
quando doem os próprios sentimentos.

Quando se está assim neste estado  
vivendo assim... debaixo desta pele, triste amado  
longe do terror a felicidade nega-se manifestar  
Intimidade vira mudez explosiva e estabanada

Encarcera-se a fúria de Marte, a agonia de Áries, assim.  
Não percamo-nos de vista, de novo, não, seria o fim  
Esqueçamos os dogmas projetados sobre nossas *personas* sexuais

Nossa raiz latina, cujos frutos são nossos pais  
E que fomos formados para não se arrepende  
Somente fazer a felicidade ter sentido e não doer.

**RECIFE**

Recife!  
Como me dói  
andar por tuas velhas ruas  
e presentir-te morta  
sem o cinema Moderno  
Sem Veneza  
Sem as vitrines do final do século vinte  
Recife sem história viva  
Recife somente lágrimas  
Boa Viagem tragada  
Ricos castelos aéreos tripudiam  
Mas te abençôo, Recife, pois és o meu chão  
E ainda te amo, Recife, cada vez mais e loucamente  
Porque desperto em ti  
E em ti alegria e desespero encontro com fartura  
Igreja do Carmo, Pátio de São Pedro, Bom Jesus...  
Estátuas quebradas, vandalismo apaixonante  
Teatro onde me represento, platéias cubistas, atemporais  
Professores, autores, eu já nem sei  
Meus amigos, meus inimigos  
Procurem o Recife de amanhã  
Digam que sou um homem sem orgulho  
Vai, Recife, faz com todo mundo o que fizemos juntos tantas vezes  
Mas não esquece, Recife, quem te amou  
E entre pontes e descaminhos se encantou.

## SETE FACES PARA O AMOR

Quem sai por aí uivando  
 ou perplexo de saudade  
 sofrendo revelações  
 torturado por olhos inesquecíveis  
 preso na fé cega do amor  
 pode ser colocado em xeque  
 pela própria natureza do sentimento.

Com o sexo e o sacro sem nome  
 o carnal e o místico revelando-se  
 sem renúncias ou fronteiras  
 nem culpa nem subversão de nada  
 a de entrega se dá  
 Shiva masturba-se e nasce mais mundo  
 em orgasmo individual conhece-se o supremo.

Dos campos desertos  
 sai o amante para o encontro também  
 mas é no seu interior que está o labirinto  
 para desvendar o próprio coração-enigma  
 ele é todo puro desejo  
 deseja ser ele mesmo, um dia talvez, plenamente  
 e ter satisfação no querer e fazer

Seu amor pode não ter sentido  
 Ele é feito de coincidências entre perdas e ganhos  
 entre vivências aparentemente absurdas  
 Ele é cavaleiro das trevas ou da luz  
 anonimato desmedido & super exposição  
 orgia do nunca desistir  
 anjo misterioso com sua pena bendita / maldita

Ele tem amor excessivo  
 transpassa o supra-racional  
 recebe a revelação espantosa  
 entra em crise profunda  
 converte-se a si mesmo  
 descobre o mal dentro de si  
 mas se entrega ao Divino

Ele ama até a paixão  
 sem referências  
 e na corda bamba  
 tenta o equilíbrio para descobrir  
 acirra a descoberta do “nós”  
 projeta no ser amado o Deus esperado  
 é fiel no profundo mergulho

Não encontra paz no amor  
sua epifania é apenas prolongado exercício  
buscando plenitude  
fogo e gelo nos seus olhos tristes  
enganam possíveis leitores  
desses versos acabrunhados  
livres como ele nunca será.

### **Detectada**

Foi detectada em Londres, ontem  
Por sinais enviados por nave européia, anotem  
Uma misteriosa fonte de calor no pólo sul  
Em uma lua de Saturno, a lua Enceladus.

Disseram que ela é toda de gelo  
Tem quinhentos quilômetros de diâmetro (como vê-los?)  
O que intriga os cientistas  
É que a tal lua tem... atmosfera

Vapor de água e dióxido de carbono  
Viver num lugar desses, quem me dera  
Tão diferentemente monótono

Sabe-se que ela é pequena demais  
Para ainda guardar calor no interior  
Mas se eu conseguisse viver ali, como seria a minha dor?

## Poemas de Minas Gerais

Como verso delicioso  
 Observo o pico do Itacolomy  
 Cai o sol sobre Ouro Preto  
 Esconde-se furtivo entre a neblina

Vento do crepúsculo sopra pelas ladeiras  
 Carrega o passado inútil novamente  
 O que fazer para reconstruir a vida?  
 Para ligar o que fui ao que farei?

Passam-se os dias em Minas Gerais  
 O vulgar presente me atravessa  
 Em vão o soluço silencia

E os meus passos rufam rápidos  
 sobre o destino dos inconfidentes  
 Tudo repetição e deserto

## II

Sopram as folhas sobre o monte  
 Descanso tranqüilo no vale  
 A cidade de Ouro Preto comove  
 São tantos silêncios guardados...

Sussurros apontam outros lugares  
 São João Del Rey, Tiradentes, Mariana  
 Profetas e Cristos de Congonhas  
 Cedro e pedra sabão desafiando os séculos, amém

O vai e vem das pessoas  
 O tempo descabido e vão  
 romaria

Soam sinos e trovões  
 Alternam-se cinza e azul no céu  
 silêncio

## III

Um novo ano, novas preces, acaso, ocase  
 O chá do fim da tarde, missa barroca

A dança dos convidados  
 A busca na escuridão

Brisa suave, silvestre aroma

## IV

Janeiro  
A igreja do Pilar  
Leitura do apóstolo Paulo

O poeta comungou, chorou  
Assistiu a missa ao lado da irmã

## V

Luzes de natal esfuziantes  
Diamantes multicoloridos  
Translúcidos caminhos

Passam-se os dias  
Noites sonhos de cobrança  
O passado transformando-se  
Em combates e esperanças

Ar monástico  
Montes ao longe, quintais frutíferos  
Algo no eu-lírico vai adiando

O livro, a vida  
Algo de ansioso, algo de calmo  
Algo que não esquece nem lembra nitidamente.

## Mundo deserto de pais

Mundo deserto, sem você perto  
chegou setembro, nordestinada primavera  
eu não entendo, tempo de espera  
tudo se esvai, tudo é incerto  
na longa estrada, vida parada  
olhar vazio, essa janela  
repleta do que eu não entendo  
beijo vazio  
braços em que não caibo  
tanta gente no mundo tão vão  
ó vaidade!  
espero à toa  
uma vida boa  
tantas crianças se distraíndo  
queria ter você sorrindo, pai  
o tempo passa em sorrisos comprimidos  
homens deprimidos  
tantos anseios  
angústia de mundo que se esvai  
gemidos, sonhos  
esperança  
mensagem, esta passagem  
colo no vidro  
adesivo de tantos ais  
vida tripla, vida dribla  
ninguém escuta  
resposta vazia  
criaturas da noite  
procura  
a desculpa do mistério  
sem saída, sério  
o fogo no coração  
a queda  
choques  
chorinhos  
copos com fumaça  
estranho desejo  
passeio  
o mundo pelo meio  
telefone, computador  
tanta pergunta  
poço escuro, mar profundo  
olhos confusos ao amanhecer  
tinta se esvai  
inútil pergunta  
cadê o pai?  
Novamente flores ao sol  
Personagens principais

a me dar beijo de língua  
O galo canta  
chama você  
Incêndio imenso  
esse dia  
o universo, o capricho  
Preparo a bagagem  
vou em frente  
parente  
serpente  
paraíso  
O mapa  
o caminho  
a curva no mato  
versos, livros, tantas pessoas

A existência... uma flecha.

**REVEILLON 1**

Rasgo agora mesmo teu retrato e recuso o passado  
Amasso um resto da embalagem de bombom  
Os dentes  
um cálice de vinho do porto  
meu apetite se abre  
O próximo prato  
A salada passou, o dia passou  
Que venha o jantar, eu espero.

Toalha, os talheres, o pianista  
A memória d'outros tempos  
Os dois dançarinos vendados  
Alugados  
Os dois artistas, nós dois  
Profissionais ao som do tango  
Sou máquina masculina  
Olhos de amêndoa, pele morena  
Você é flor tão viva na sala  
Um violoncelo  
O licor, o veludo, a jóia de presente  
A meia-noite  
Coloco a mão no bolso  
Sinto as chaves hermenêuticas

Coquetel de neblina, água de beijo, lágrimas  
Reveillon